anuário antropológico

v. 47 • nº 3 • setembro-dezembro • 2022.3

Sousa, Arinaldo Martins de. 2021. *Dando nome aos Bois: A apropriação do bumba-meu-boi maranhense e sua invenção como artefato político*. São Luís: EDUFMA. 191 p.

DOI: https://doi.org/10.4000/aa.10189

Rodrigo Ramassote

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – Brasil

ORCID: 0000-0002-5272-2692

ramassote@hotmail.com

Pós-Doutor em Antropologia Social pela USP. Desde 2006, é técnico do IPHAN, atuando com Patrimônio Imaterial. Realizou pesquisas sobre história da antropologia brasileira, pensamento social brasileiro e, na atualidade, sobre Honduras. Tem escrito artigos, livro e capítulos de livros sobre esses temas e sobre patrimônio cultural imaterial.

Rafael Bezerra Gaspar

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – Brasil

ORCID: 0000-0002-6251-8919

rafaelbgaspar@yahoo.com.br

Doutor em Antropologia Cultural pelo PPGSA/IFCS/UFRJ. Realizou pesquisas sobre conflitos agrários, campesinato e agronegócio no Maranhão. Desde 2019, é Técnico em Antropologia na Superintendência do IPHAN no Maranhão, coordenando ações e pesquisas sobre o patrimônio cultural imaterial no estado.

Com dezoito anos de intervalo, finalmente vem a lume *Dando nomes aos bois: A apropriação do bumba-meu-boi maranhense e sua invenção como artefato político*, versão quase inalterada da monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais defendida por Arinaldo Martins de Sousa, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em 2003. Em que pese a passagem de tempo que entrecorta a apresentação do estudo e a sua publicação, o texto conserva grande atualidade e interesse, debatendo questões que permanecem vigentes e que são especialmente sensíveis para se apreenderem as dinâmicas atuais de produção e reprodução dessa celebração e as representações que a legitimam como a mais emblemática da cultura popular maranhense.

Dividido em cinco capítulos, além de "Introdução" e "Considerações Finais", e contando com um "Prefácio" assinado por Elizabeth Maria Beserra Coelho, também do quadro docente da UFMA, o objetivo geral do livro é evidenciar as representações consideradas legítimas sobre o Bumba meu boi maranhense, tomando-o como um objeto de disputas, que se define a partir da imposição de discursos de autoridade de agentes específicos – folcloristas, escritores, pesquisadores e gestores públicos – reconhecidos pelos anos de produção de conhecimento e pela atuação em entidades da sociedade civil e nos órgãos oficiais locais de cultura. O autor parte da constatação da "importância singular" conquistada pela celebração do Boi no Maranhão, principalmente no contexto da capital São Luís, cuja proeminência sobreleva, em especial, durante os festejos juninos, período em que se torna alvo de intenso trabalho de divulgação e investimentos dos órgãos oficiais estaduais e municipais. Inspirado, em particular, nas propostas teóricas de Norbert Elias e de Pierre Bourdieu, e, também, em diálogo com Max Weber, Gerald Berreman, Clifford Geertz e Michel Foucault, Souza propõe averiguar a emergência e consolidação de uma determinada configuração sócio-histórica que erigiu o Bumba meu boi como um símbolo identitário maranhense e que se consolidou a partir da segunda metade do século XX.

Na "Introdução", Souza expõe, em linhas gerais, as motivações e os desafios analíticos que nortearam a sua investigação, assim como um conjunto de tópicos que serão, em sua maior parte, desdobrados nos capítulos subsequentes. Em "tom pessoal", deliberadamente empregado, o leitor é informado sobre a perspectiva adotada pelo autor, interessada na apreensão das disputas e conflitos existentes entre as instâncias e agentes envolvidos com as versões legítimas e autorizadas do Bumba meu boi; sua inserção institucional e postura investigativa durante os dois anos de elaboração da pesquisa; o impacto das apresentações do Boi na dinâmica do mercado de bens e serviços locais e sua centralidade nos festejos oficiais promovidos pelo poder público.

No primeiro capítulo, intitulado "A construção do objeto e os métodos adotados: alguns problemas", Souza prolonga a discussão sobre os fundamentos teórico-metodológicos assumidos pela investigação e sobre a sua inscrição institucional. Na dupla condição de estudante de Ciências Sociais e, ao mesmo tempo, cumprindo estágio curricular no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho (CCPDVF), à época, sob orientação do antropólogo Sergio Ferretti, ele teve contato

com técnicos envolvidos diretamente na escolha dos grupos para participação em eventos patrocinados pelo poder estadual e conduzidos pela Fundação Cultural do Maranhão (FUNCMA). Foi a experiência pelo CCPDFV que possibilitou a Souza estabelecer contato e interagir com agentes oficiais atuantes no campo cultural local e, ao mesmo tempo, se enfronhar nas acirradas discussões e nos posicionamentos acalorados que circundam a manifestação, situação que despertou seu interesse pelo tema e favoreceu a construção de seu objeto de pesquisa.

O capítulo seguinte, intitulado "A representação legítima", o mais extenso do livro, se bifurca em duas partes correlatas. Na primeira, Souza destaca o papel desempenhado pela Comissão Maranhense de Folclore (CMF), entidade da sociedade civil, criada em 1948, tendo como fundadores Antônio Lopes e Domingos Vieira Filho. Reunindo, à época da pesquisa, intelectuais oriundos dos quadros universitários e ocupantes de cargos em instituições estatais, a CMF tinha como objetivo assessorar os órgãos estatais com a produção de conhecimento sobre a cultura popular maranhense. Operando no interior do campo intelectual, mas em interação estreita com os campos cultural e político, a análise de Souza demonstra que a CMF era, naquela altura, a principal instância responsável pela imposição de princípios classificatórios, critérios legítimos e definições consensuais sobre o Bumba meu boi.

Ainda nesse capítulo, o autor esquadrinha, com minúcia, as categorias de percepção e apreensão assentes sobre distintos aspectos e atributos do Bumba meu boi do Maranhão. Nessa tarefa, ele leva em conta não apenas as concepções nativas, como também as definições proferidas pelos intelectuais vinculados à Comissão Maranhense de Folclore. Conforme indica, tal repositório de categorias existentes sobre o Boi – composto pelos chamados *sotaques*, os santos de devoção, os personagens, os instrumentos musicais, o ciclo religioso, os ensaios e os grupos alternativos – é compartilhado e negociado tanto pelos órgãos oficiais quanto pelos próprios brincantes, num movimento circular que se reforça mutuamente.

"Os produtores intelectuais do bumba-meu-boi", terceiro capítulo, parte do prestígio e da visibilidade amealhados pela CMF no campo da cultura popular maranhense, para remontar à contribuição legada pelo folclorista Domingos Vieira Filho, cujo desempenho institucional e produção intelectual precursora possibilitou, segundo afirma Souza, aos "intelectuais que tratam das culturas populares no Maranhão [...] um campo fértil para produzir e serem reconhecidos enquanto produtores de conhecimento" (p. 118). Espécie de "fundador de discursividade", para usarmos a expressão formulada por Michel Foucault (2009), Vieira Filho sedimentou as questões e os termos por meio dos quais a cultura popular maranhense passou, desde então, a ser apreendida. Com razão, Souza assevera que as dimensões perquiridas e questões abertas por Vieira Filho encontraram ampla recepção e fortuna crítica posterior. Prova disso é a persistência e constância, nas pesquisas vindouras sobre Bumba meu boi, de um conjunto semelhante de problemas investigativos tratados por Vieira Filho, além da frequente remissão a certas proposições enunciadas em seus escritos.

Após enfatizar o legado de Viera Filho, o autor acompanha os principais es-

tudos a respeito do Bumba meu boi, elaborados desde os anos 1970. Tanto os trabalhos escritos por intelectuais maranhenses, quanto a produção acadêmica (Carvalho 1995, Carvalho 2011), deixam entrever a presença de um universo de preocupações temáticas e princípios explicativos comuns, como também a convicção, sempre reafirmada, sobre o Bumba meu boi ser a "celebração mais importante, manifestação por excelência da cultura popular do Maranhão" (p. 120). Situação que leva Souza a concluir que

> o conhecimento do intelectual não é produzido por ele sozinho. Ele está em contato com a produção dos outros intelectuais e com uma tradição de produção de conhecimento, que inclui conceitos e categorias destinados a instrumentalizar o tratamento dos objetos (p. 132).

No quarto capítulo, "Representações desautorizadas ou submetidas", avulta, com maior ênfase, o relato da participação do autor no interior do CCPDVF e seu contato com membros da CMF. Partindo de suas reações aos eventos e situações com as quais se defrontou quando participou da pesquisa do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Bumba meu boi, durante seu estágio no CCPDVF, Souza aborda as assimetrias hierárquicas de prestígio e de autoridade internamente prevalecentes entre os membros da CMF. Assim é que menciona o exemplo de um membro da CMF que, mesmo possuindo amplo conhecimento sobre grupos de Bois do interior do estado, é desautorizado a emitir ponto de vista sobre aspectos diferenciados encontrados em grupos de fora da capital São Luís. Ao descrever, por sua vez, sua participação no inventário do Bumba meu boi, Souza avalia como a presença de um membro da CMF e ocupante de cargo em órgão público estadual, na condição de consultora sênior da referida pesquisa, foi considerada a mais prestigiada e dotada de autoridade no momento de definição das áreas de realização dessa investigação.

O capítulo final, intitulado "O artefato – o boi como símbolo da identidade maranhense", reflete sobre os efeitos desencadeados pela incorporação de manifestações culturais populares no âmbito de ações de promoção turística a partir dos anos 1960. As gestões de Newton Bello (1961-1966) e José Sarney (1966-1970) foram marcadas pela implantação de ações oficiais que influenciaram decisivamente no modo de organização dos grupos culturais. Sob a atuação da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e da intervenção de grandes conglomerados dos meios de comunicação, foram instituídos os parâmetros das políticas de incentivo ao turismo, tendo como principal agente local a MARATUR, criada em 1967 e vinculada ao Departamento Estadual de Turismo. No âmbito dessa entidade, intelectuais e folcloristas passaram a ocupar postos de gestão, trazendo aos espaços oficiais os seus pontos de vista sobre a cultura popular e, por consequência, introduzindo intervenções significativas na lógica de organização e de produção das manifestações culturais maranhenses.

A fim de evidenciar a progressiva eleição do Boi como símbolo da cultura popular maranhense, Souza destaca um conjunto de iniciativas que foram en-

tão tomadas pelo poder público – a criação de espaço público na capital para as apresentações dos grupos, caso do chamado Parque Folclórico da Vila Palmeira; o incentivo às campanhas publicitárias do Boi e sua incorporação ao mercado fonográfico; e a popularização dos grupos do sotaque de Orquestra. Ao revisitá-las, o autor salienta o caráter experimental das ações empreendidas, destituídas de planejamento e calcadas na contratação imediata dos grupos para apresentações turísticas a um público externo, não se configurando como um projeto de valorização e de salvaguarda dos grupos de Bois. As enxutas *"Considerações finais"* reforçam o argumento de fundo do autor, qual seja, a de que o Bumba meu boi do Maranhão é produto de um sistema de classificações em disputa, no qual ganham força as representações autorizadas de agentes inter-relacionados pela participação em instituições de consagração e pela inserção em órgãos oficiais locais.

Em 2011, o "Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão" foi registrado como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Iphan, sendo seus aspectos culturalmente relevantes descritos no Dossiê de Registro; posteriormente, em 2019, a celebração foi inscrita como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade na Lista Representativa da UNESCO, a partir de um conjunto de informações prestadas por técnicos do Iphan. Em ambos os casos, os atributos evocados pela autarquia nacional e agência internacional não se distanciaram daqueles espreitados de maneira lúcida por Souza – entre outras, a centralidade do Boi como manifestação emblemática do Maranhão; os principais sotaques que lhe são característicos; as regiões geográficas de sua ocorrência; o processo de modernização de certas práticas, distinguindo os Bois considerados "tradicionais" daqueles vistos como "modernos"; as sucessivas etapas que definem o ciclo festivo e a devoção aos santos padroeiros e crenças em divindades de cultos de matriz africana que compõem o universo místico-religioso da celebração. Reafirmava-se, assim, a prevalência das representações legítimas e consagradas sobre o Bumba meu boi que o então jovem sociólogo maranhense soube tão bem perscrutar em sua pesquisa acadêmica inaugural, cuja iniciativa de publicação pela EDUFMA é mais que bem-vinda e oportuna.

Recebido em 16/09/2022
Aprovado para publicação em 03/10/2022 pela editora Kelly Silva

Referências

Carvalho, Luciana Gonçalves. 2011. *A graça de contar: Um pai Francisco no bumba meu boi do Maranhão*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

Carvalho, Maria Michol Pinho de. 1995. *Matracas que desafiam o tempo: É o Bumba-Boi do Maranhão*. São Luís: [s.n.].

Foucault, Michel. 2009. *O que é um autor?* Portugal: Nova Vega.

Martins, Carolina. 2021. *Política e cultura nas histórias do bumba meu boi no Maranhão*. Teresina: Cancioneiro.

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.200-205. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10189